

A s r e v i s t a s
c o n t e m p o r â n e a s
c o m o t e s t e m u n h o
d e u m a é p o c a

S ó n i a R a f a e l e R i t a B a s í l i o

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação
e Estudos em Belas-Artes (CIEBA)

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Instituto de Estudos em Literatura e Tradição (IELT)

P u b l i c a r u m a r e v i s t a é e n t r a r
n u m a r e l a ç ã o s e n s í v e l e a t e n t a
a o e s p í r i t o d o p r e s e n t e .

— G w e n A l l e n

Para Gwen Allen «publicar uma revista é entrar numa relação sensível e atenta ao espírito do presente». Este pensamento serviu de mote ao colóquio «Das Revistas: Voltar a Ver»¹ que abriu lugar a um primeiro debate de reflexão sobre revistas que, no panorama contemporâneo, sinalizaram (sinalizando ainda) uma posição ideológica mais experimental, por vezes até radical e heterodoxa, perante a arte, a cultura e a sociedade. Publicações que, através da literatura, da expressão plástica ou do design, deixaram uma marca indelével no *zeitgeist* da cultura portuguesa.

Num contexto marcado pela inevitabilidade e convergência das tecnologias da comunicação, a própria reflexão sobre as revistas, enquanto modalidade de expressão colaborativa impressa, obriga-nos, hoje, a reflectir sobre as novas exigências e mutações conceptuais que as afectam e que decorrem, sobretudo, da abertura de espaços em rede que facilitam não só uma muito mais rápida disseminação, mas também a própria intercepção disciplinar e pluralista. Esta abertura a novos formatos criativos solicita-nos novas questões sobre conceitos ligados à edição das revistas no século XX e suas mutações no século XXI.

Conceitos como inovação, singularidade, intervenção, inter-relação, participação bi-lateral entre criadores e leitores/espectadores, exigem novas formas de revisão e de reflexão atenta e significativa.

A constatação da inexistência de um acesso generalizado a algumas revistas da chamada «contracultura» (algumas de breve duração, mas de incontestável valor cultural, crítico, artístico e literário) impôs, como propósito inicial, facultar a disponibilização e partilha de testemunhos

I O presente livro decorre do Colóquio «Das Revistas: Voltar a Ver», realizado nos dias 23 e 24 de Maio de 2018, respectivamente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O website desta iniciativa está disponível, com mais informações, em: <http://www.dasrevistas.weebly.com>

e informações sobre as revistas em análise, com vista a uma mais eficaz transmissão do conhecimento e sua internacionalização.

É do étimo da palavra «revista» que decorre a orientação que deu título, primeiro ao Colóquio, e agora à edição dos seus resultados: mais do que informar, entreter ou “dar a ver”, as «revistas» (do latim *revidere* – «ver de novo») distinguem-se de outras publicações por abrirem à própria «revisão», ao «ver» e «dar de novo a ver», ao que «volta a ser visto».

Referimo-nos, por conseguinte, a publicações periódicas que definiram conceitos, propuseram temáticas, impuseram linguagens, defenderam teses, criaram mitos, instauraram legitimações, desenharam tendências.

A par dos conteúdos literários e artísticos, encontramos, ao longo de todo o século XX, muitos exemplos de revistas de grande riqueza gráfica – ao nível do experimentalismo visual e tipográfico, das linguagens visuais (formais e conceptuais), do dinamismo da grelha e das ilustrações. Salientam-se, como exemplo, as publicações das vanguardas, que se constituíram como testemunho de uma época cuja vivacidade ideológica, social e política se fez sentir com toda a sua expressão, até mesmo como contraponto à atonia ideológica e rasura de emoções da última década do século XX.

Ao vencerem o tempo, na distância necessária para depurar o quotidiano, estas publicações trouxeram consigo as diferentes expressões e linguagens através das quais o presente foi adquirindo consciência de si próprio.

Desde os nomes mais consagrados, no contexto internacional, como a *Aspen Magazine*, a *Ray Gun*, a *Face*, a *Emigré*, a *Fuse*, a *SMS*, a *Avalanche*, a *Cube*, a *Visionaire*, etc., ou, no contexto nacional, a *Revista K*, a *Belém*, a *Prototypo*, a *Bíblia*, a *Número*, a *Tabacaria*, a *Egoísta*, entre tantos outros títulos, crescem agora as revistas que são objecto de análise neste livro, quer pela voz dos seus editores, quer pela voz de académicos que as tomaram como objecto de estudo.

O objectivo orientador deste primeiro colóquio foi, em primeiro lugar, o de abrir um espaço de diálogo pluridisciplinar, capaz de encontrar respostas para algumas questões relacionadas com o próprio objeto de criação editorial — a revista e os seus diferentes ciclos de vida do ponto de vista: i) do acontecimento (artístico, crítico, social); ii) da circunstância/contexto; iii) do conteúdo (literatura, artes, design); iv) da forma (imagem visual, projecto gráfico), aspectos sempre observados na perspectiva do pensamento colaborativo e do inconformismo que este singular tipo de publicação traz sempre consigo.

Por questões de ordem metodológica, o livro foi dividido em três secções. De cariz mais teórico e analítico, a primeira secção — DAS REVISTAS EM REVISTA — integra os ensaios «Prescrições, modelos, responder», de Silvina Rodrigues Lopes; «As vozes do século. As revistas e os seus predicados», de Luís Andrade; «Libertação e progresso n' *O Tempo e o Modo*», de João Dionísio, e «A revista *Trafic*: o fantasma de Serge Daney e os ecos de Portugal», de Luís Mendonça.

A segunda secção — DAS REVISTAS EM (RE)VISITA — reúne os ensaios, em forma de testemunho em nome próprio, dos criadores, designers e editores das revistas em análise: «Revista *SEMA*: entre a possibilidade de tudo ou de quase nada», de João Miguel Barros; «*Fenda*, magazine frenética. Afirmção e *design*», de João Bicker; «*Arte Opinião* — Um ponto de vista do Sátiro», de Filipe Rocha da Silva; «Nada», de João Urbano; «Algumas imagens em revista (*Intervalo* e *Cão Celeste*)», de Luís Henriques; «A Revista *Intervalo* (2005-2015)», de Mariana Pinto dos Santos; «Acerca da *Granta* e do Tempo, esse grande escultor», de Carlos Vaz Marques.

A terceira e última secção — DAS REVISTAS EM REDE — reúne os testemunhos dos criadores e editores de três revistas digitais que se encontram actualmente em linha: «*BUALA*: portal independente, colabo-

rativo, interdisciplinar, do mundo», de Marta Lança; «A revista *Umbigo* – um caso de resiliência», de Elsa Garcia; «Revista *Contemporânea*», de Celina Brás e Sérgio Fazenda Rodrigues.

No livro *Das Revistas: Voltar a Ver* pretendeu-se manter a forma da reflexão aberta, própria do formato das conferências que lhe serviram de ponto de partida. Preservámos, por isso, as diferenças das propostas, sem condicionar os textos a um formato único. Deste modo, o livro exhibe as diferentes formas de testemunho e reflexão que cada autor considerou mais adequadas à partilha da perspectiva que põe em comum.

Cumpre-se, assim, o propósito de abrir um campo futuro de estudos sobre estas e outras revistas que, com incidência nas áreas disciplinares tradicionalmente inscritas nas designadas Humanidades, surgem como agenciamentos pluridisciplinares cuja atenção ao heterogéneo, à multiplicidade das circunstâncias, à escrita, à expressão plástica e ao design se não subordina a modelos ou teorias, procurando, sim, ser abertura para o nascer de melhores modos de ver e de viver. Afinal, lembra Alberto Caeiro, «o essencial é saber ver».

R
E
V
A
R
A
T
L
O
V